

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

ISSN 0102-5767

Cadernos de
ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
56(1)

Organizado por

Filomena Sandalo
Maria Bernadete M. Abaurre

Cad. Est. Ling.	Campinas	nº 56(1)	p. 1-192	Jan./Jun. 2014
-----------------	----------	----------	----------	----------------

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: JOSÉ TADEU JORGE

Vice-Reitor: ALVARO PENTEADO CRÓSTA

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretora: MATILDE VIRGÍNIA RICARDI SCARAMUCCI

Diretor-Associado: FLÁVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA

SETOR DE PUBLICAÇÕES

Coordenadora: Orna MESSER LEVIN

Equipe Editorial (SP-IEL)

ESMERALDO SANTOS / JOÃO DUEK / NIVALDO ALVES / ALEXANDRIA LEME

Capa-Projeto: JOÃO DUEK

Layout e Arte Final: E. SANTOS / N. ALVES / J. DUEK

Cadernos de Estudos Lingüísticos. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, nº 1 (ago. 1978–)
Publicação Semestral
ISSN 0102-5767

1. Lingüística – Periódicos. I. Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Estudos da Linguagem

CDD 410.05

Indexada em / Indexed in:

LLBA (Linguistics and Language Behaviour Abstracts), Linguistics and Language Behaviour Abstracts Database, no MLA (Modern Language Association) Directory of Periodicals e International Bibliography, no CSA-Sociological Abstracts, no ULRICH'S International Periodicals Directory, Linguistic Bibliography/Bibliographie Linguistique

QUALIS A1

Revista *Cadernos de Estudos Lingüísticos*

Setor de Publicações - IEL/UNICAMP

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571 - Caixa Postal 6045

13083-859 - Campinas - SP - BRASIL

Fone/Fax.: (19) 35211528 - e-mail: spublic@iel.unicamp.br - www.iel.unicamp.br

PEDE-SE PERMUTA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
--------------------	---

ARTIGOS

ANDREW NEVINS, GEAN DAMULAKIS e MARIA LUISA FREITAS Phonological regularities among defective verbs	11
LUIZ CARLOS SCHWINDT O acesso à morfologia por processos fonológicos variáveis e a arquitetura da gramática	23
ANA PAULA SCHER, MARCUS VINICIUS LUNGUINHO e ALINE GARCIA RODERO-TAKAHIRA Voice (A)symmetries and Innovative Participles in Brazilian Portuguese	45
MAGNUN ROCHEL MADRUGA A Alomorfia dos nomes Agentivos terminados em <i>-Dor/-Or</i> em Português	65
MARIA LUISA FREITAS Two nominalizing suffixes in Brazilian Portuguese: locality constraints on morphophonological realization	87
RAFAEL CAMACHO El se aspectual y causa en el Español de Lima	115

BEETHOVEN BARRETO ALVAREZ A Teoria do metro de Fabb & Halle e o Decassílabo Português	141
MARIA FILOMENA SANDALO e MARIA BERNADETE ABAURRE Assimetrias na harmonia vocálica em Português do Brasil	181

APRESENTAÇÃO

DESENVOLVIMENTOS RECENTES EM MORFOLOGIA E FONOLOGIA

Os trabalhos reunidos neste número temático dos Cadernos de Estudos Linguísticos abordam questões de morfologia e fonologia dentro do quadro gerativista. Além de trabalhos de pesquisadores da área convidados especialmente para participar deste volume, trazemos textos de nossos orientandos cujas pesquisas vêm sendo desenvolvidas no âmbito do projeto temático Fronteiras e Assimetrias em Fonologia e Morfologia (FAPESP 12/17869-7). Priorizamos trabalhos em morfologia. Cinco artigos abordam vários fenômenos associados à palavra dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída. A questão da arquitetura da gramática sob diferentes perspectivas teóricas é tema de um dos artigos deste volume. Incluem-se, ainda, neste volume dois artigos em fonologia. Um deles discute a relação entre aspectos acústicos e gramática fonológica. O outro discute a relação entre a fonologia métrica e poesia.

Com a apresentação da teoria gerativa na década de 1960, a morfologia e a descrição morfológica de línguas não previamente analisadas, como desenvolvidas pelos estruturalistas, perderam espaço. Segundo Anderson (1982), nessa época, “*morphologists could safely go to the beach*”. Neste momento, passou-se a buscar os universais da linguagem. Por esse motivo, a sintaxe passou a ser o módulo central da gramática, uma vez que é na sintaxe que vemos uma maior similaridade entre as línguas, e a fonologia passou a pertencer a um módulo pós-sintático.

No final da década de setenta e início da década de oitenta do século passado, a fonologia passou a ser dividida em duas partes: a fonologia lexical (processada no léxico) e a fonologia pós-lexical (processada depois da sintaxe). O léxico, como visto dentro deste modelo, é um local de armazenamento de irregularidades memorizadas. A morfologia volta a ser estudada na década de oitenta como parte dos estudos fonológicos associada à formação de palavras, dentro do léxico, sendo, assim, específica de cada língua e, portanto, objeto da memória. Como cada língua tem seu léxico específico, explicar-se-ia, assim, a diversidade associada aos fenômenos morfológicos. De acordo com Chomsky (1970), a sintaxe seguiria

toda e qualquer operação lexical, manipulando palavras inteiras, sendo, portanto, cega à estrutura interna das palavras, isto é, às operações lexicais. Ao longo da década de oitenta, no entanto, esta perspectiva mostrou-se simplista demais.

Anderson (1982) questionou, em um artigo chamado *Where is Morphology*, se a morfologia é realmente irrelevante para a sintaxe e se toda morfologia deve ser processada no léxico. O autor iniciou uma discussão cujo objetivo era mostrar que, pelo menos uma classe de morfemas, aqueles conhecidos como morfemas flexionais, são relevantes para a sintaxe e não podem ser ignorados pelo componente sintático.

A hipótese de Chomsky (1970), de que a sintaxe deveria ser cega para a morfologia ficou conhecida como Hipótese Lexicalista. Mas a discussão levantada por Anderson (1982) convenceu a comunidade linguística de que a sintaxe não pode ser cega para a morfologia flexional. A divisão entre morfologia derivacional como um processo lexical e morfologia flexional como um processo sintático passou a ser conhecida por Hipótese Lexicalista Fraca. Muitos linguistas da década de oitenta e noventa passaram a tratar a morfologia flexional dentro da sintaxe.

Anderson (1982) não seguiu, entretanto, a corrente que simplesmente deslocou a morfologia flexional do léxico para a sintaxe. Em sua obra de 1992, ele recusa a ideia de que a morfologia flexional faz parte da sintaxe e funda um quadro teórico para a análise de morfologia flexional. Uma ideia muito interessante deste quadro é a proposta de que morfemas não constituem a unidade mínima da morfologia. Morfemas são um epifenômeno, como o fonema. Para Anderson (1992), a unidade mínima da morfologia são traços, aqui definidos com propriedades semânticas mínimas. Segundo sua proposta, a morfologia flexional não tem um lugar específico dentro dos módulos da teoria linguística. A morfologia percorre todo o processo linguístico e, portanto, estudar morfologia envolve assumir uma visão global de linguística. De acordo com Anderson (1992):

“...word structure can only be understood as the product of interacting principles from many parts of the grammar: at least phonology, syntax, and semantics in addition to the ‘lexicon’. As such, this is not a theory that deals with the content of one box in a standard flowchart-like picture of a grammar, but rather a theory of a substantive domain whose content is widely dispersed through the grammar”.

A proposta de Anderson de considerar traços como unidades mínimas da morfologia, bem como sua proposta de pensar a morfologia de modo distribuído pela gramática foi adotada pela Morfologia Distribuída (MD) de Halle e Marantz (1993). O papel da morfologia dentro da teoria linguística é, assim, novamente reformulado. A morfologia voltou a contar com um papel de destaque.

Embick e Halle (2004), em uma versão mais recente do modelo, argumentam que cada palavra é formada por operações sintáticas e que a sintaxe consiste em um conjunto de regras que geram estruturas sintáticas que estão sujeitas a outras operações nos níveis posteriores de interface PF (*Phonetic Form*) e LF (*Logical Form*). Harley & Noyer (1999) apresentam a arquitetura da MD:

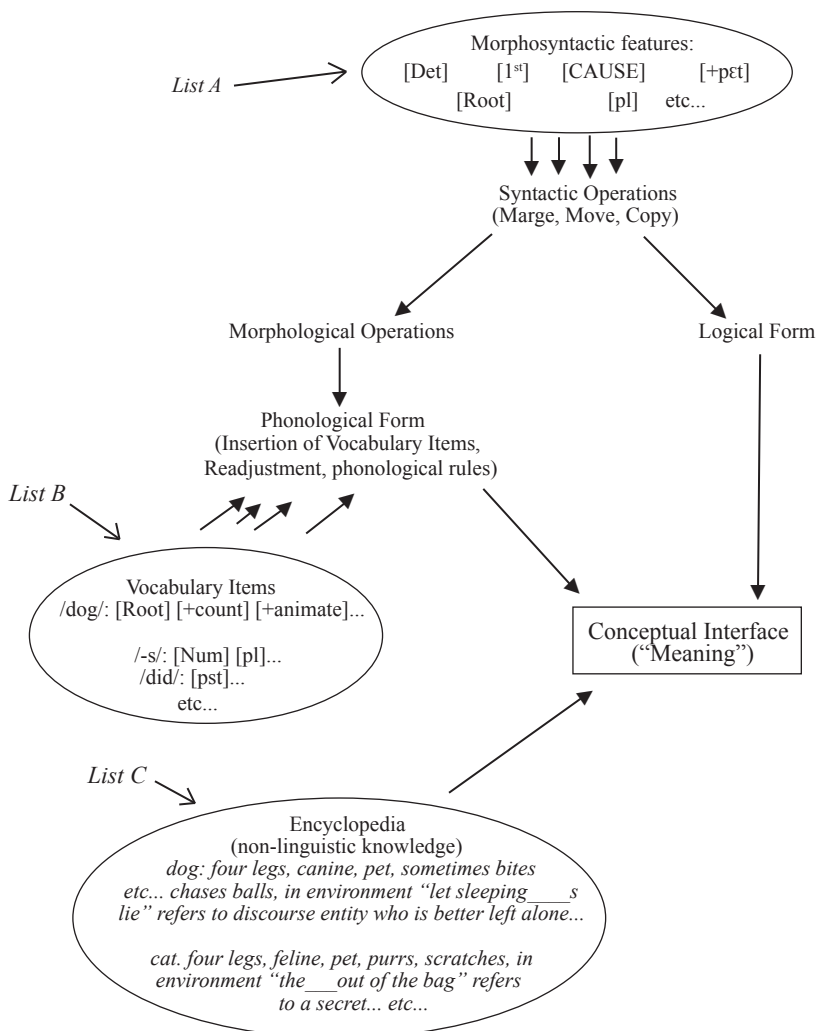


Figura 1: Morfologia Distribuída (Harley & Noyer 1999)

Na MD, o termo morfema se refere às unidades que estão sujeitas às operações sintáticas, ou seja, morfemas são os núdulos terminais das estruturas arbóreas, formados por complexos de traços, que podem ser de dois tipos: (i) *Morfemas abstratos*, núcleos funcionais compostos por traços sem informação sobre o conteúdo fonético-fonológico, como [PASS], [PL], [autor], [participante], etc, e (ii) *Raízes*, que são núcleos lexicais com conjuntos de traços fonéticos e, em alguns casos, traços diacríticos não fonéticos. Um pressuposto fundamental da MD é o de que as Raízes em si não têm categoria gramatical, quer dizer, categorias gramaticais como nome e verbo, segundo este quadro, são derivadas de estruturas sintáticas nas quais uma Raiz é combinada a um núcleo funcional que define sua categoria.

Uma das funções do componente morfológico é fornecer traços fonológicos aos morfemas abstratos. Este mecanismo de suprimento é denominado de *Inserção Vocabular*. Cada par contendo um expoente fonológico com o conteúdo gramatical sobre o contexto no qual este expoente deve ser inserido é denominado *Item Vocabular*. Os Itens Vocabulares são, na realidade, regras ordenadas que adicionam conteúdo fonológico aos morfemas compostos por traços abstratos. Um exemplo de um Item Vocabular fornecido por Embick e Halle (2004) se relaciona à formação do plural dos nomes em inglês. A Inserção Vocabular fornece traços fonológicos ao morfema abstrato [PL], combinado com nomes na sintaxe. O expoente fonológico regular de plural em inglês é /-z/ e este é expresso formalmente pelo Item Vocabular em 1.

- (1) ITEM VOCABULAR:
[PL] ↔ /-z/

O traço [PL] para ‘plural’ em inglês apresenta também os expoentes $-\emptyset$ (como em *moose*- \emptyset) e *-en* (como em *ox-en*). Como o traço [PL] está no mesmo constituinte da Raiz quando a Inserção Vocabular ocorre, a identidade dessa Raiz pode impor uma condição contextual à escolha do expoente para o nódulo de [PL]. O efeito resultante desta condição é denominado de *alomorfia contextual*.

Em suma, a MD é um desenvolvimento das teorias derivacionais, como a Fonologia Lexical, e desempenha um papel de interface com a sintaxe de maneira complexa e rica, fazendo importante previsões a respeito da interface fonologia e sintaxe.

Modularidade e derivação não são, entretanto, tão óbvias quando se observam detalhadamente alguns fatos de alomorfia. Há relações entre morfemas que são mais adequadamente explicadas a partir de uma rede de relações, conforme postulado pela Teoria da Otimalidade, e não a partir de módulos derivacionalmente ordenados. Kenstowicz (1996) afirma que:

“The general idea is that words sharing the same morphological base form a network of possible phonological influences...Of particular interest is whether cases can be shown to exist which do not meet the containment condition of the classical SPE cycle in which the derivation of one word is embedded in the derivation of the other.”

A Teoria da Otimalidade (TO), proposta inicialmente por Prince & Smolensky (1993), é uma teoria que nega a análise gramatical por meio de módulos. De acordo com esse modelo, uma gramática particular é o resultado do ordenamento de um conjunto de princípios universais (restrições) aplicados em todas as línguas, mas violáveis. Como todas as restrições são processadas paralelamente, pode haver conflito entre várias delas, o que impossibilita a satisfação de todas. Somente em uma situação de conflito uma restrição pode ser violada. Uma hierarquização de restrições desempenha um papel fundamental neste modelo, portanto, pois somente aquelas mais baixas na hierarquia podem ser violadas em uma situação de conflito.

A TO, ao questionar modularidade, trouxe novas indagações sobre a natureza do componente fonológico da gramática, sobre as interações da fonologia com a fonética, e sobre questões prosódicas.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, S. 1982. Where is Morphology? *Linguistic Inquiry*, n. 13, pp. 571-612, 1982.
- ANDERSON, S. 1992. *A-morphous Morphology*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CHOMSKY, Noam. 1970. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. & ROSENBAUM, P. (orgs.) *Readings in English transformational grammar*. Waltham, MA, Ginn.
- EMBICK, David & Morris HALLE (2004): "On the Status of Stems in Distributed Morphology." Ms., University of Pennsylvania and MIT.
- HALLE, Morris. 1997. "Distributed Morphology: Impoverishment and Fission." *MIT Working Papers in Linguistics* 30, p. 425-439.
- HALLE, Morris, Alec MARANTZ. 1993. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. In *The View from Building 20*, pp. 111-176. Cambridge, MA: MIT Press.
- HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. *Distributed morphology*. *Glott international*, v. 4, n. 4, p. 3-9, 1999.
- KENSTOWICZ, Michael. 1996. *Paradigmatic uniformity and contrast*. MIT ms.
- PRINCE, Alan; Paul SMOLENSKY. 1993. *Optimality Theory*. ROA.

Campinas, junho de 2014.

Filomena Sandalo
Maria Bernadete M. Abaurre